

# Rosa Luxemburgo

## *Textos escolhidos,* vol. I (1899-1914)

## *Textos escolhidos,* vol. II (1914-1919)

## Cartas, vol. III

ISABEL LOUREIRO (ORG.)

*São Paulo: Editora Unesp, 2011.*

*Fabio Mascaro Querido\**

É mais do que oportuna a publicação, no Brasil, de uma coletânea – dividida em três volumes – de textos, ensaios e cartas de Rosa Luxemburgo. Graças ao excelente trabalho de organização de Isabel Loureiro, a coletânea poderá contribuir para a redescoberta da produção intelectual de Rosa que vem se verificando desde meados da década de 1960. Se até então, com a honrosa exceção do brasileiro Mário Pedrosa (que já na década de 1940 divulgava por aqui o pensamento luxemburguista no jornal *Vanguarda Socialista*), a figura de Rosa era apresentada, acima de tudo, como um ícone revolucionário, um exemplo de heroísmo factível às novas gerações educadas pelo “marxismo-leninismo”, importantes acontecimentos da década de 1960 – como as rebeliões estudantis e operárias de 1968 e as lutas por reformas nos países do bloco stalinista – estimularam um novo olhar sobre a originalidade do seu pensamento político e econômico no âmbito do marxismo.

Dos três volumes – todos eles acompanhados de ótima introdução da organizadora –, os dois primeiros são dedicados aos escritos políticos e/ou jornalísticos de Rosa. No primeiro, encontram-se mais de duas dezenas de textos redigidos entre o período de 1899 e 1914, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Destacam-se, neste volume, a polêmica contra o reformismo de E. Bernstein, *Reforma social ou revolução?* (1899/1900), e o texto “Greve de massas, partido e sindicatos”, de

\* Doutorando em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH-Unicamp).

1906. São escritos que revelam, sob a defesa apaixonada da ação direta e “espontânea” das massas, um certo mecanicismo subjacente à crença na inevitabilidade histórica do socialismo.

Em contraposição ao gradualismo reformista que, desde o último Engels, era hegemônico na social-democracia alemã, Rosa reafirmava a “necessidade histórica” do colapso do capitalismo; à vontade subjetiva, à práxis dos oprimidos caberia acelerar o desenvolvimento desse processo histórico unívoco, cujas contradições imanentes apontavam para uma futura resolução socialista. Até este período, manifestava-se de modo mais flagrante uma espécie de tensão dialética que, como demonstrou Isabel Loureiro em *Rosa Luxemburgo e os dilemas da ação revolucionária*, atravessa, com maior ou menor intensidade, toda a trajetória da autora: trata-se da tensão não resolvida entre, de um lado, a convicção de que a lógica objetiva da História levaria ao colapso do capitalismo e, por fim, à emergência do socialismo, e, de outro, a *aposta* de que somente a práxis político-revolucionária das massas – apoiadas por suas vanguardas – poderia garantir o processo de “formação” e “experiência” necessário à autoemancipação dos oprimidos.

É no segundo volume – no qual estão dispostos mais de trinta textos da autora posteriores ao trauma representado pela guerra e pela adesão social-democrata à política de união do Imperador – que podemos encontrar os escritos políticos mais importantes, se não mais atuais de Rosa, tal como o fundamental “A crise da social-democracia”, de 1915, em que a revolucionária polonesa acerta contas com a II Internacional, a social-democracia e, até mesmo, com o próprio proletariado alemão, por sua adesão entusiástica (não sem exceções, é claro) à guerra. É neste texto que a revolucionária polonesa proclama a célebre alternativa que até hoje orienta muitas das lutas sociais anticapitalistas: *socialismo ou barbárie?*

Sob o “cortejo arrasador” da guerra, Rosa percebe que a tarefa a se cumprir é muito mais complexa do que supunha. Era preciso fazer a crítica das ilusões de antanho, aprender com a experiência histórica, com os equívocos e o excesso de otimismo: não há direção única no processo histórico, e sim um conjunto de bifurcações e alternativas cuja efetivação concreta depende da práxis das classes sociais em luta. Tão somente a ação revolucionária dos oprimidos seria capaz de reverter a barbárie da guerra, com seus “escombros de felicidade humana aniquilada”, segundo palavras de Rosa (vol.II, p.1) no pequeno artigo “Escombros”, de setembro de 1914 – que faz lembrar o espanto do anjo benjaminiano da história em face das ruínas que resultam do “progresso”.

Neste segundo volume, há outros textos fundamentais do pensamento político de Rosa; um deles é sua reflexão crítica, embora aliada à mais absoluta solidariedade internacionalista, sobre “A Revolução Russa”. Tão inspirador quanto controverso, esse ensaio, redigido no cárcere, está no centro da relação problemática da esquerda oficial com o pensamento de Rosa Luxemburgo; a um só tempo crítica do bolchevismo vanguardista e da social-democracia reformista, a filosofia da práxis de Rosa Luxemburgo parecia inaudível naquele momento. Apenas parcial-

mente integrada pelo “marxismo-leninismo” oficial, sua apropriação póstuma pela social-democracia não foi menos unilateral: a busca por um socialismo baseado na democracia operária e popular (num “espaço público proletário”, para utilizar a expressão de Oskar Negt), e na garantia da “liberdade dos que pensam diferente”, era apresentada como uma defesa indistinta da democracia como valor abstrato, distanciando-a da tradição revolucionária.

O volume dedicado à correspondência de Rosa mereceria uma resenha, quiçá um ensaio à parte. Em suas cartas, pela primeira vez traduzidas no Brasil diretamente do alemão e do polonês, Rosa revela uma personalidade apaixonante, vibrante, que foge à regra do ascetismo quase protestante dos revolucionários profissionais de seu tempo. “Todo tipo de ‘ascese’ me é odiosa”, diz ela em uma das mais de mil cartas que escreveu a seu então companheiro Leo Jogiches, com o qual teve uma relação intensa e conturbada. Com seu espírito límpido, afirma: “Sou a favor do luxo sob todas as formas”. A postura de Rosa Luxemburgo em sua correspondência resume uma resistência tenaz, quase heroica, diante da melancolia e do desespero, uma resistência que se manifesta através de uma aceitação da vida e de um apreço romântico (de tom schilleriano) pela natureza – que podem ser visualizados, por exemplo, em sua paixão indescritível por sua gata Mimi e em seu interesse vital pelas plantas e flores.

Nas cartas, dirigidas a amigos e/ou companheiros próximos (e sem qualquer intenção de publicação póstuma), Rosa Luxemburgo deixa aflorar aspectos que, guardadas as diferentes abordagens, também aparecem em sua leitura singular do marxismo e da teoria revolucionária. Sua *fé* nas potencialidades imanentes à humanidade sustenta-se numa compreensão do marxismo como filosofia da práxis, quer dizer, como teoria cujo horizonte último está depositado na ação autônoma e na possibilidade de autoemancipação das massas. Nos dois casos, nos escritos políticos e nas cartas, não é difícil notar uma espécie de *otimismo antropológico*, fundado numa confiança irrestrita no futuro da humanidade (“No fim tudo dará certo”, diz ela), que não era incompatível, porém, com a constatação da *barbárie moderna* representada pela guerra imperialista. Pois não se tratava de um otimismo passivo, atravessado por um “esquema da história tedioso, vazio, abstrato” (que ela atribuía a Kautsky), senão de um otimismo militante, para o qual as derrotas podem ser encaradas como momentos de “experiência” e “formação” de uma subjetividade revolucionária.

Ora, hoje em dia, após a experiência das inúmeras catástrofes que marcaram o século XX, em especial no período posterior ao assassinato de Rosa, em 1919, não precisamos continuar a sustentar inteiramente seu otimismo, tampouco sua crença irredutível na História e na humanidade; mas não podemos deixar de ver em Rosa Luxemburgo uma figura revolucionária marcante, *sui generis*, assim como uma intelectual brilhante, cujas ideias têm muito a dizer às novas gerações anticapitalistas do presente e do futuro – motivo pelo qual a presente edição aparece em muito boa hora.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A atualidade da economia política marxista**

Alfredo Saad Filho

**Existe uma burguesia mundial?**

Danilo Enrico Martuscelli

**Editando Marx e Engels**

Pedro Leão da Costa Neto

**Filmando *O Capital***

Fredric Jameson

**O método da economia política**

Karl Marx

# 30

QUERIDO, Fabio Mascaro. Resenha de: LOUREIRO, Isabel (org.). Rosa Luxemburgo Textos escolhidos, vol. I (1899-1914) Textos escolhidos, vol. II (1914-1919) Cartas, vol. III. São Paulo: Editora Unesp, 2011. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.35, 2012, p.171-173.

***Palavras-chave:*** Rosa Luxemburgo; Movimento operário; Socialismo.